

QUANDO A ALEGRIA ENCONTRA A TRISTEZA: EXISTÊNCIA, EMOÇÕES E AUTENTICIDADE EM DIVERTIDA MENTE

WHEN JOY MEETS SADNESS: EXISTENCE, EMOTIONS, AND AUTHENTICITY IN INSIDE OUT

CUANDO LA ALEGRÍA SE ENCUENTRA CON LA TRISTEZA: EXISTENCIA, EMOCIONES Y AUTENTICIDAD EN INSIDE OUT

Byanca Kochanoski de Souza¹

Murilo Pereira da Rosa²

Ana Claudia Kissner Batista³

RESUMO: O presente trabalho, propõe uma análise do desenvolvimento emocional infantil à luz da psicologia existencial-humanista. A pesquisa parte da compreensão da infância como fenômeno existencial, marcada por transformações cognitivas, afetivas e relacionais que contribuem para a construção do self e da autenticidade. Com base em autores como Carl Rogers, Viktor Frankl e Rollo May, discute-se a importância da liberdade, da angústia e da busca de sentido no processo de amadurecimento emocional. A análise do filme *Divertida Mente* evidencia que o equilíbrio entre as emoções, é fundamental para o crescimento psíquico e a construção de sentido na infância. A pesquisa adota uma metodologia bibliográfica e descritiva, sustentada em referenciais teóricos clássicos e contemporâneos. Os resultados apontam que a obra cinematográfica oferece uma representação simbólica do tornar-se pessoa, dialogando com os princípios da abordagem existencial-humanista. Conclui-se, que reconhecer o valor das emoções e do sofrimento é essencial para o desenvolvimento autêntico e integral da criança, fortalecendo a relação entre cinema, psicologia e educação emocional.

6781

Palavras-chave: Psicologia existencial humanista. *Divertida Mente*. Desenvolvimento Emocional.

ABSTRACT: This paper proposes an analysis of children's emotional development in light of existential-humanistic psychology. The research starts from the understanding of childhood as an existential phenomenon, marked by cognitive, affective, and relational transformations that contribute to the construction of the self and authenticity. Based on authors such as Carl Rogers, Viktor Frankl, and Rollo May, the importance of freedom, anguish, and the search for meaning in the process of emotional maturation is discussed. The analysis of the film *Inside Out* shows that the balance between emotions, is fundamental for psychic growth and the construction of meaning in childhood. The research adopts a bibliographic and descriptive methodology, supported by classic and contemporary theoretical frameworks. The results indicate that the film offers a symbolic representation of becoming a person, engaging with the principles of the existential-humanistic approach. It concludes that recognizing the value of emotions and suffering is essential for the authentic and integral development of the child, strengthening the relationship between cinema, psychology, and emotional education.

Keywords: Humanistic Existential Psychology. *Inside Out*. Emotional Development.

¹ Discente do curso de psicologia da Univel.

² Discente do curso de psicologia da Univel.

³ Professora Orientadora do curso de Psicologia, Centro Universitário Univel.

RESUMEN: Este artículo propone un análisis del desarrollo emocional infantil desde la perspectiva de la psicología existencial-humanista. La investigación parte de la comprensión de la infancia como un fenómeno existencial, marcado por transformaciones cognitivas, afectivas y relacionales que contribuyen a la construcción del yo y la autenticidad. Basándose en autores como Carl Rogers, Viktor Frankl y Rollo May, se analiza la importancia de la libertad, la angustia y la búsqueda de sentido en el proceso de maduración emocional. El análisis de la película «Intensa-Mente» (Inside Out) muestra que el equilibrio entre las emociones, es fundamental para el crecimiento psíquico y la construcción de sentido en la infancia. La investigación adopta una metodología bibliográfica y descriptiva, apoyada en marcos teóricos clásicos y contemporáneos. Los resultados indican que la película ofrece una representación simbólica del proceso de convertirse en persona, en consonancia con los principios del enfoque existencial-humanista. Se concluye que reconocer el valor de las emociones y el sufrimiento es esencial para el desarrollo auténtico e integral del niño, fortaleciendo la relación entre el cine, la psicología y la educación emocional.

Palabras clave: Psicología existencial humanista. Del Revés. Desarrollo emocional.

INTRODUÇÃO

A infância, mais do que uma etapa cronológica, representa um fenômeno existencial marcado por intensas transformações emocionais, cognitivas e relacionais. Compreender esse período implica reconhecer a criança como um ser em constante construção, cuja experiência de mundo está permeada por descobertas, angústias e busca de sentido, no entanto, observa-se que, tradicionalmente, o desenvolvimento infantil tem sido analisado sob perspectivas predominantemente cognitivas ou comportamentais, deixando em segundo plano a dimensão subjetiva e existencial da criança.

6782

Diante disso, a psicologia existencial-humanista surge como uma abordagem que permite compreender a infância sob um olhar mais profundo, enfatizando a liberdade, a responsabilidade e a autenticidade do ser em formação. Essa perspectiva valoriza a experiência vivida da criança e suas emoções como elementos fundamentais na construção do self e do sentido de existência.

Neste contexto, o filme *Divertida Mente* (2015) apresenta-se como um material simbólico e didático para analisar como as emoções participam do processo de crescimento e autoconhecimento. Ao retratar a transição da infância para a adolescência, a obra convida à reflexão sobre a importância da integração emocional e do reconhecimento da vulnerabilidade como parte essencial da experiência humana.

Assim, este estudo busca investigar como os conceitos da psicologia existencial-humanista podem contribuir para compreender as vivências emocionais na infância, destacando a relevância da aceitação das emoções e da liberdade de ser no desenvolvimento infantil.

MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório e descritivo. Busca compreender como a obra *Divertida Mente* pode ser analisada a partir da teoria da psicologia existencial-humanista.

Para tanto, utiliza-se de pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento, análise e interpretação de materiais já publicados, permitindo conhecer o estado atual do conhecimento sobre determinado tema. Segundo Gil (2008, p. 44), trata-se de “um estudo desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, o que possibilita fundamentar teoricamente o objeto investigado e orientar novas reflexões. As principais fontes incluem livros, artigos científicos, teses, dissertações e publicações indexadas em bases de dados como Scielo, PubMed, PePsic, Google Scholar e CAPES.

Critérios de inclusão: o filme *Divertida Mente* em sua versão oficial, literatura acadêmica e científica da psicologia existencial-humanista e suas vertentes, incluindo autores clássicos e contemporâneos, produções teóricas e pesquisas acadêmicas que tratam do uso de filmes como instrumento de análise psicológica e formação crítica, materiais publicados entre 2010 e 2025 para garantir a atualidade das informações, textos disponíveis em português, inglês e espanhol.

Critérios de exclusão: materiais sem fundamentação científica ou com opiniões subjetivas sem suporte teórico, estudos cuja temática principal não aborde os temas propostos, fontes muito datadas, exceto obras clássicas consideradas indispensáveis para o referencial teórico.

Psicologia existencial humanista

Wong (2004) aponta que a psicologia existencial é a psicologia da existência humana com toda a sua complexidade e paradoxos. Em virtude da busca em compreender a psicologia infantil na perspectiva existencial humanista, se torna essencial a compreensão de sua teoria.

A psicologia existencial-humanista possui sua base focada na existência dos sujeitos, ou seja, suas experiências e os sentidos atribuídos às mesmas, assim, ao invés de indagar um sentido para determinados comportamentos isolados, a mesma, tende a investigar o processo de se tornar um sujeito.

A abordagem humanista de Carl Rogers parte da compreensão de que o ser humano possui uma tendência inata ao crescimento, ao desenvolvimento e à autorrealização,

orientando-se para a atualização de suas potencialidades quando encontra condições psicológicas favoráveis. Nessa perspectiva, o sujeito é entendido como um ser ativo, dotado de intencionalidade, capaz de construir significados e reorganizar continuamente sua experiência interna. Rogers define o indivíduo como “um organismo em constante processo de vir-a-ser” (ROGERS, 1977, p. 27), ressaltando que sua construção ocorre a partir da forma como percebe a si mesmo e ao mundo, integrando tais percepções em uma estrutura de self que permanece fluida e aberta à mudança, assim, a formação do sujeito é um processo experiencial, sustentado pela autenticidade, empatia e aceitação incondicional, permitindo que ele desenvolva uma identidade congruente e coerente com sua vivência.

O self, na perspectiva de Carl Rogers, constitui-se como um processo contínuo e dinâmico, determinado pela forma como o indivíduo organiza e atribui significado às suas experiências. Segundo o autor, o self é “uma configuração organizada, fluida, mas consistente, de percepções de características do ‘eu’” (ROGERS, 1977, p. 198), evidenciando que sua construção não é estática, mas resultado da interação entre o organismo e o ambiente, especialmente nas relações interpessoais que oferecem aceitação, autenticidade e compreensão empática. Assim, a construção do self emerge da capacidade de integrar vivências de maneira coerente, aproximando-se de um funcionamento mais congruente e alinhado à experiência subjetiva do indivíduo.

6784

O self se organiza em diferentes dimensões que orientam a experiência do indivíduo: o self real, o self ideal e o self autêntico. O self real diz respeito à percepção que a pessoa tem de si mesma no presente, incluindo seus sentimentos, limitações e potencialidades. Já o self ideal corresponde àquilo que o indivíduo gostaria de ser, suas aspirações e valores internos. A diferença entre esses 2 pode gerar incongruência e sofrimento psicológico. Rogers afirma que o processo terapêutico favorece a aproximação dessas dimensões, permitindo que o sujeito se torne mais autêntico, ou seja, mais fiel à sua experiência imediata, pois “quanto mais o indivíduo está aberto à sua experiência, mais sua autoimagem se torna realista e congruente” (ROGERS, 1977, p. 105). Assim, o self autêntico aparece quando o indivíduo integra seu self real e ideal de modo mais harmonioso, vivendo de forma coerente com sua vivência subjetiva.

Psicologia infantil

Ao decorrer de sua trajetória, a psicologia infantil se desenvolveu em variadas abordagens teóricas e metodológicas que investigam a compreensão do processo de desenvolvimento da criança, em aspectos sociais, emocionais e cognitivos. Ao aprofundar

nesses aspectos, se torna possível a compreensão de sentimentos difíceis de decifrar, comportamentos e personalidade que estão sendo desenvolvidas pelo ser desde seu nascimento.

Piaget (1975) menciona que o desenvolvimento infantil ocorre por estágios; segundo ele a criança constrói ativamente seu conhecimento do mundo, integrando experiências e descobertas. Em uma visão da psicologia existencial humanista, autores como Carl Rogers (1997) e Viktor Frankl, ressaltam como um ambiente acolhedor pode favorecer o autoconhecimento, a expressão emocional e o desenvolvimento humano.

Assim, a psicologia infantil se torna um espaço de descobertas significativas, em que a criança é compreendida em sua totalidade, como um ser em constante crescimento, capaz de desenvolver autonomia, reconhecer seus sentimentos e buscar o encontro consigo mesmo (FRANKL, 2011).

Torna-se evidente que a psicologia infantil oferece um campo fundamental para a compreensão da criança em sua complexidade e singularidade. O desenvolvimento cognitivo, emocional e social não pode ser entendido de forma fragmentada, mas como um processo contínuo em que cada experiência contribui para a construção do ser. Como afirma Piaget (1975, p. 12), a criança não copia simplesmente o mundo, ela o reconstrói ativamente, destacando o papel ativo da infância na formação do conhecimento.

Pesquisas contemporâneas colaboraram para essa compreensão integrada no desenvolvimento infantil. Segundo Santos e Marturano (2020), o apoio emocional e a qualidade das relações nas primeiras etapas da vida são determinantes para a autorregulação emocional e para a saúde mental futura (p. 214). Da mesma forma, Souza e Veríssimo (2019) destacam que a construção da autonomia infantil depende tanto das experiências cognitivas quanto da responsabilidade afetiva dos cuidadores (p. 302).

Assim, a psicologia infantil se afirma como um espaço de escuta, acolhimento e construção, em que a criança é reconhecida não apenas como alguém em desenvolvimento, mas como um sujeito pleno, capaz de elaborar significados, expressar sentimentos e participar ativamente da construção de si. Como síntese, pode-se afirmar que compreender a criança em sua totalidade é também reconhecer sua potência existencial, sua capacidade de criar sentidos e seu direito de crescer em um ambiente que favoreça seu florescimento humano.

Perspectiva existencial humanista da infância

Ser criança nos remete a muitos acontecimentos; nos referimos a um indivíduo em formação, que está constantemente exposto a mudanças físicas e emocionais. A criança

compreende o mundo através do brincar e através dele revela desejos, elabora medos e explora possibilidades de ser. Outro aspecto importante dessa fase diz respeito à liberdade de escolha no brincar, nas interações e nas atividades escolares. O ato de brincar, para a abordagem existencial humanista, não é apenas uma forma de lazer, mas um modo profundo de expressão existencial.

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), proposta por Carl Rogers (1997), defende que ambientes que respeitam a liberdade da criança e oferecem relações autênticas favorecem seu crescimento psicológico e sua expressão. Permitir que a criança escolha o que e, com quem brincar, dentro de limites saudáveis, é oferecer a ela a oportunidade de trabalhar sua autenticidade.

A construção das primeiras amizades também é um desafio significativo. Ao interagir com colegas, a criança se depara com diferenças, conflitos, sinergias e rejeições. Esses encontros sociais contribuem para a formação da identidade e o desenvolvimento de valores próprios. Viktor Frankl (2008), criador da logoterapia e representante da vertente existencial, diz que o ser humano está constantemente buscando sentido, inclusive nas relações interpessoais; na infância, ainda que essa busca não seja completamente consciente, ela já se expressa através das escolhas e dos vínculos afetivos estabelecidos, assim, promover espaços de escuta e diálogo na escola é fundamental para que a criança sintam-se validada em sua subjetividade.

6786

Quando a criança está inserida na escola as mudanças geram determinados sentimentos como, por exemplo, angústia e busca por liberdade, como é apresentado no filme *Divertida Mente*. O novo ambiente escolar introduz uma etapa marcante no desenvolvimento infantil, caracterizada por intensas transformações no modo como a criança percebe a si mesma, os outros e o mundo ao seu redor. Ao se afastar dos pais, interagir com novos colegas e se adaptar a rotinas escolares, a criança é desafiada a lidar com sentimento de insegurança, curiosidade, pertencimento e autonomia.

A psicologia existencial humanista, ao valorizar a experiência subjetiva e a liberdade do indivíduo, oferece uma abordagem teórica e prática pertinente para acompanhar esse processo. Essa perspectiva reconhece a criança como um ser em constante construção, dotado de intencionalidade e potencialidade, mesmo nos estágios iniciais da vida (Rogers, 1997). O desenvolvimento psicológico infantil é um processo complexo e multifacetado, permeado por experiências emocionais que moldam a estrutura psíquica em formação, neste contexto, a psicoterapia existencial humanista oferece um referencial teórico e prático que permite compreender a subjetividade infantil sob uma ótica que prioriza a liberdade, a escolha e a angústia como aspectos centrais da existência. Tais conceitos, embora tradicionalmente

abordados no âmbito da psicologia do adulto, revelam-se igualmente pertinentes na compreensão do sofrimento psíquico na infância, especialmente quando considerados em articulação com os desafios próprios da fase de desenvolvimento.

A liberdade, na perspectiva existencial, não é meramente a ausência de restrições externas, mas a possibilidade de escolha e de autodeterminação (Frankl,1959) no entanto, para a criança, esta liberdade encontra-se em tensão constante com os limites impostos pelos cuidadores, pela sociedade e pelas capacidades cognitivas e emocionais ainda em desenvolvimento. A partir dessa tensão emerge a angústia, que, diferentemente do medo, não se vincula a um objeto específico, mas à percepção difusa da responsabilidade diante das próprias escolhas, mesmo que incipientes (Heidegger,1927) assim, a criança pode experimentar angústia de forma implícita, como um sentimento de confusão, culpa ou desamparo diante das exigências do mundo.

A escolha, por sua vez, implica o reconhecimento de que há múltiplas possibilidades de ser e de agir. Ainda que esse reconhecimento se apresente de maneira rudimentar na infância, ele se expressa nas primeiras tentativas da criança de afirmar sua vontade, de tomar decisões, e de construir uma narrativa sobre si mesma. Quando essas escolhas são invalidadas ou excessivamente controladas, a criança pode desenvolver mecanismos defensivos que mascaram sua angústia existencial, dificultando a formação de um self autêntico e integrado. (ROGERS, 1961)

6787

Nesse cenário, o sofrimento infantil pode ser compreendido não apenas como decorrente de fatores ambientais, relacionais ou neurobiológicos, mas também como expressão de uma luta existencial precoce pela construção de sentido e identidade. É nesse ponto que a psicoterapia existencial pode se mostrar especialmente relevante, ao oferecer à criança um espaço seguro de escuta e de expressão, no qual ela possa, com o auxílio do terapeuta, nomear sentimentos, explorar conflitos e construir compreensões sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca. A presença terapêutica, empática e autêntica, é fundamental para ajudar a criança a lidar com as angústias existenciais de maneira simbólica e criativa, promovendo, assim, um desenvolvimento psicológico mais saudável e coerente com sua experiência de ser.

Análise do filme na perspectiva existencial humanista

O filme retrata a história de Riley, uma menina de 11 anos que está em um confronto emocional devido a repentina mudança de cidade e da transição de infância para adolescência. Na trama, são representadas emoções chave como alegria, tristeza, raiva, medo e nojo, que se

situam em sua mente, onde buscam equilibrar suas reações após a nova realidade que Riley está enfrentando. No decorrer da trama é possível acompanhar o desenvolvimento da personagem desde o momento que sai da barriga de sua mãe, neste momento também surge seu primeiro sentimento, visto com alegria.

O conflito inicia quando surge a tristeza e as outras emoções. Ao longo do filme, a alegria tenta suprimir a tristeza, acreditando que a felicidade é a única emoção desejável, entretanto, quando Riley enfrenta a mudança de cidade e as rupturas afetivas, a narrativa revela que o equilíbrio emocional e o amadurecimento emergem da integração entre todas as emoções. É na convivência entre Alegria e Tristeza que Riley reencontra o sentido de si mesma, reconhecendo que a vulnerabilidade é parte essencial da existência.

Carl Rogers (1997) cita que todos os seres vivos possuem uma determinada tendência para se atualizar em decorrência de sua vida, uma força interna que o impulsiona para crescer e se desenvolver. Na trama, quando a Alegria tenta excluir a tristeza das experiências da Riley é gerada aquilo que Rogers (1997) define como incongruência, que se refere a um indivíduo que nega partes de si para tentar manter uma autoimagem.

No desenvolvimento da jornada da personagem, isso pode ser entendido como uma tentativa de integração emocional, em que busca compreender o papel de cada emoção e sua importância na sua construção enquanto sujeito. Quando ocorre a assimilação de que a tristeza possui um papel válido, acontece o que Rogers (1997) chamaria de aceitação da experiência, quando um indivíduo acolhe o outro independente de seus sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Partindo de uma visão existencial humanista, a construção do enredo da trama revela mais do que uma dinâmica emocional. É possível analisar este confronto como uma busca por autenticidade, um sentido e uma tentativa de integração do ser.

Frankl (2011) menciona que o sofrimento também assume um papel fundamental, afirmando que o sentido da vida não está na ausência da dor, mas na capacidade de encontrar um significado nos momentos considerados difíceis. Quando Riley começa a vivenciar a saudade, perda e solidão, a mesma descobre que esses sentimentos podem lhe aproximar de sua família, ao perceber que a tristeza não é uma emoção negativa, mas sim um caminho de reencontro consigo mesmo e com o outro. Rollo May (1988) complementa que as emoções humanas são como uma forma de expressão da liberdade e da responsabilidade existencial.

Quando a personagem enfrenta uma crise e decide fugir para sua antiga casa, antes da tomada de decisão, a mesma enfrentou conflitos de mudanças de casa, sentimento de não

pertencimento a um lugar, solidão e mudanças da infância para adolescência, o que pode simbolizar o confronto entre a segurança da infância e a incerteza do crescimento, um momento em que o ser humano é chamado a escolher e a se responsabilizar por sua própria existência. A aceitação da tristeza e da vulnerabilidade, revelam, portanto, a coragem de ser, um conceito fundamental na obra de Rollo May (1988).

A trajetória emocional da personagem no decorrer da trama, pode ser compreendida como um movimento profundamente existencial, no qual a personagem se vê convocada a reconhecer sua própria interioridade e assumir a totalidade de suas vivências.

Como cita Carl Rogers, quando aceito a mim mesmo tal como sou, então posso mudar (Rogers, 1997, p. 37), e é exatamente na aceitação da tristeza que Riley encontra a possibilidade de crescimento. Do mesmo modo, Viktor Frankl enfatizou que o significado é possível até mesmo no sofrimento, desde que o sofrimento tenha um propósito (Frankl, 2011, p. 112), revelando que a dor da mudança se transforma em uma via para a reconstrução do vínculo e do pertencimento.

Por fim, Rollo May nos lembra que a coragem não é a ausência do desespero, mas a capacidade de avançar apesar dele (May, 1988, p. 15), expressando simbolicamente o movimento de Riley ao enfrentar suas emoções mais profundas, com isso, a narrativa demonstra que amadurecer não é eliminar sentimentos difíceis, mas integrá-los, permitindo que cada emoção contribua para a construção de um self mais autêntico, coerente e vivo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A perspectiva da infância tende a ultrapassar uma simples fase cronológica da vida, trata-se de fenômeno existencial, onde ocorrem transformações constantes, que contribuem para a formação do ser humano. Trata-se de um período marcado por intensas experiências emocionais, cognitivas e relacionais, que contribuem significativamente para uma construção da subjetividade e da identidade individual.

A busca pela percepção de como a criança lida com os conflitos emocionais em seus primeiros anos de vida traz questionamentos a serem respondidos, onde a procura por autoconhecimento se torna angustiante em alguns casos. Sendo assim, a ótica da psicologia existencial humanista contribui com construções teóricas que auxiliam na compreensão da infância, sendo vista não somente como uma etapa do desenvolvimento de um indivíduo, mas como uma vivência repleta de sentido, na qual a criança está buscando uma construção ao seu sentido de existência, suas experiências e emoções.

Alguns autores da psicologia existencial humanista como Carl Rogers, Rollo May e Viktor Frankl, mencionam que a psicologia existencial pode ser definida pela liberdade, pela busca de sentido e pela responsabilidade. Esses aspectos podem ser percebidos no decorrer do desenvolvimento infantil, trazendo uma construção concreta para a formação do artigo.

Carl Rogers, descreve a infância como um período de grande importância para a formação do autoconceito, moldado principalmente pelas interações com seus familiares.

A psicologia existencial-humanista, ao valorizar a experiência subjetiva e a liberdade do indivíduo, oferece uma abordagem teórica e prática pertinente para acompanhar esse processo. Essa perspectiva reconhece a criança como um ser em constante construção, dotado de intencionalidade e potencialidade, mesmo nos estágios iniciais da vida (Rogers, 1997).

A escolha da trama se deu perante a possibilidade de análise da angústia e liberdade na transição da infância para adolescência, assim como da materialização de outros processos de desenvolvimento e construção de identidade nessa fase.

CONCLUSÃO

A partir da análise proposta, observa-se que a psicologia existencial humanista oferece uma importante contribuição para a compreensão do desenvolvimento infantil, ao reconhecer a criança como um ser em constante construção, dotado de liberdade, intencionalidade e capacidade de atribuir sentido às próprias experiências. O filme *Divertida Mente* ilustra de forma simbólica como as emoções exercem papel fundamental na formação da identidade e na integração emocional do indivíduo.

Com base nos conceitos de Rogers, Frankl e May, conclui-se que o acolhimento das emoções e o enfrentamento da angústia são elementos essenciais para o amadurecimento psicológico e para o desenvolvimento da identidade individual, assim, compreender a infância sob a ótica existencial humanista amplia o olhar da psicologia infantil, destacando que o sofrimento e a vulnerabilidade não são sinais de fragilidade, mas caminhos de crescimento e construção de sentido.

Ser criança é, portanto, aprender a existir em meio à complexidade das emoções humanas, um processo contínuo de descoberta, aceitação e transformação que acompanha o ser humano por toda a vida.

REFERÊNCIAS

DOCTER, Pete (Direção). *Divertida Mente*. EUA: Pixar/Disney, 2015. Filme.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial.** Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 17, n. 2, p. 185-192, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 2 de novembro de 2025

FEIJOO et al. **Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia.** Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/xYBLQtG6kBBCfNFRS7bnwqQ/>>. Acessado em 2 de novembro de 2025

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido.** Petrópolis: Vozes, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAY, R. **A coragem de criar.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (1988).

MAY, R. **A descoberta do ser: psicologia existencial e o homem moderno.** Petrópolis: Vozes. 1983

MAY, R. **O dilema do homem moderno.** Rio de Janeiro: Zahar. 1983

PIAGET, J. (1975). **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1975.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, L. M., Marturano, E. M. (2020). **Suporte emocional e desenvolvimento da autorregulação: contribuições para a saúde mental na infância.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, 22(3), 210, 218.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada.** Petrópolis: Vozes. 1997

SOUZA, D. F., Veríssimo, M. L. R. (2019). **Autonomia infantil e relações afetivas: interfaces entre cognição e vínculo.** Cadernos de Psicologia e Desenvolvimento Humano, 15, 295, 305.

YALOM, I. D. **Psicoterapia existencial.** Porto Alegre: Artmed. 2008